



**Mariana Rocha**

***Espaço Profundo***

Texto de apresentação

*[presentation text]*

**André Pitol**

**15 agosto [aug] - 24 outubro [oct]**

**A Gentil Carioca São Paulo**

Travessa Dona Paula, 108

Higienópolis - São Paulo



# Espaço Profundo

Mariana Rocha

A relação do corpo com o espaço talvez seja uma das abstrações mais promissoras. Ricardo Aleixo é um dos que acionam esse vínculo ao indicar que, *embora eu venha repetindo, com grande frequência, que não sei (sempre) o que é o corpo, sei que o corpo - o que quer que seja um corpo - é um espaço. Um espaço móvel. Nosso primeiro espaço. Nosso derradeiro espaço. Cheio de espaços dentro.* É um comentário do performer sobre os trabalhos visuais e gráficos que ele desenvolve na cena *dendorí*, um encontro de fabulação entre poesia, voz e corpo; segundo ele, trata-se de um vínculo da pessoa com o cosmo, ou uma escrita que se realiza desde o corpo, com o corpo e para além.... Essa é uma qualidade que o trabalho de Mariana Rocha também compartilha.

O corpo como um espaço móvel está presente em sua pintura, que em outros momentos ficou conhecido como corpos d'água. As equivalências entre o espaço interior e exterior do corpo com as águas, em movimentos de maré, assumiram presença intensa, como as alterações cíclicas do nível das águas do mar causadas pelos efeitos combinados da rotação da Terra com as forças gravitacionais exercidas pela Lua. O recuo das águas abriu caminho para que emergissem novas composições nesses corpos, ainda em formação e em busca de lugar.

Por via das marés, o espaço dos corpos d'água tornam-se agora espaços cósmicos. Distantes, mas nem tanto, se lembrarmos que a busca por água em corpos celestes é uma fascinação longa da humanidade, recentemente confirmada – a busca de água na Lua –, e que nutriu imaginários, missões e incertezas na história. No trabalho de Mariana Rocha, essa virada de pescoço para cima, de dentro para o alto, evidencia de modo crucial que a matéria corporal se relaciona remotamente com a instância que rege os corpos, e que ainda assim está presente, “em íntima relação com o gesto, o movimento e a vontade, que vem desde muito longe”, para retomar Aleixo.

As pinturas criadas pela artista apresentam gesto, movimento e vontade íntima com o longínquo, que são criadas ao mesmo tempo pela repetição e pela

permanência, ou melhor, pela habilidade de produzir imagens de alta qualidade, assim como a expertise nos procedimentos utilizados. Tais procedimentos permitem a ela que a mão se solte, que a linha se torça e que as cores se multipliquem; que a intuição improvise sobre a manualidade programada, que se crie o inesperado e que ele se movimente.

Os corpos celestes de Rocha também oferecem uma vinculação profunda entre a pintura e as tecnologias de visualização daquilo que não pode ser visto a olho nu, seja metafórico, seja fisiológico.

A opacidade interna dos nossos corpos e a complexidade de funcionamento do corpo humano na manutenção da vida faz com que as imagens produzidas desde o corpo, com o corpo e para além sejam de uma simulação deflagrada. Mariana Rocha beneficia-se dessa interface pictórica para testar e em certa medida improvisar, gerando outras relações possíveis para os corpos e para os cosmos.

**André Pitol**

# Deep Space

Mariana Rocha

The relationship between the body and space is perhaps one of the most promising abstractions. One of the people who activate this connection is performer Ricardo Aleixo, who points out that, *although I've often repeated that I don't (always) know what the body is, I know that the body - whatever it may be - is a space. A mobile space. Our first space. Our final space. Full of interior spaces.* This is a comment about his own visual and graphic works, developed in the *Dendorí* scene, a fabulation encounter between poetry, voice and body. According to him, it is a link between person and cosmos, or *a writing that is created from the body, with the body and beyond....* It is a quality that the work of Mariana Rocha also shares.

In her painting, the body is present as a mobile space, that at other moments was known as bodies of water. The equivalences between inner and outer bodily space and the waters, in tidal movements, have assumed an intense presence, like the cyclical changes of seawater levels caused by the combined effects of the Earth's rotation and the gravitational forces exerted by the Moon. The receding waters made way for new compositions to emerge in these bodies, still in formation and in search of a place.

Through the tides, the space of bodies of water now becomes cosmic. Distant, but not so much, if we remember that the search for water in celestial bodies is a longstanding, human fascination, recently confirmed – think of the search for water on the Moon –, that has fueled imaginations, missions and uncertainties throughout history. In Mariana Rocha's work, this upward turn of the neck, from the inside upwards, crucially demonstrates that bodily matter is remotely related to the instance that governs bodies, and is still present “in an intimate relationship with gesture, movement and the will, which comes from very far away”, to quote Aleixo again.

The paintings created by the artist present gesture, movement and a will that is intimate with the distant; created simultaneously by repetition and permanence, or rather, by the ability to produce high quality images, as well as an expertise in the procedures used. These procedures enable her hand to loosen, the line to twist and the colours to multiply; it enables intuition to improvise with programmed manual skill, for the unexpected to come about and for it to move.

Rocha's celestial bodies also provide a deep connection between painting and visualisation technologies of what cannot be seen by the naked eye, whether metaphorical or physiological. The internal opacity of our bodies and the complexity of the human body's functioning for the maintenance of life means that the images produced from the body, with the body and beyond it are a triggered simulation. Mariana Rocha benefits from this pictorial interface to test and, to a certain extent, to improvise, generating other possible relationships for bodies and for the cosmos.

## **André Pitol**

All passages in italics are from the publication: Ricardo Aleixo. *Dendorí: dar corpo ao poema - e vice-versa*. First edition. São Paulo: Círculo de Poemas, 2025.

# Artworks



*Penugem, penumbra II, 2026 (ROC 038)*



*Vapor d'água no espaço profundo, 2026 (ROC 047)*



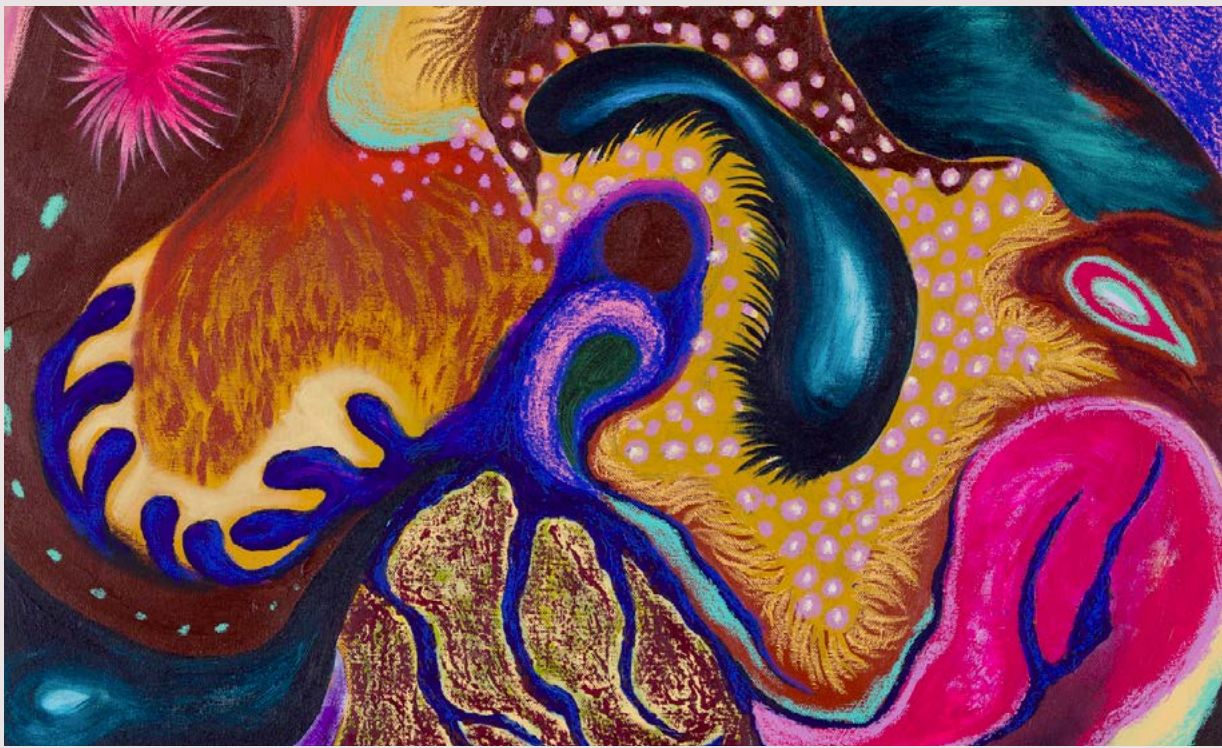
*Sopa primordial I, 2026 (ROC 039)*



*Sopa primordial II, 2026 (ROC 040)*



*Sopa primordial III, 2026 (ROC 044)*



*O primeiro espaço I, 2026 (ROC 043)*



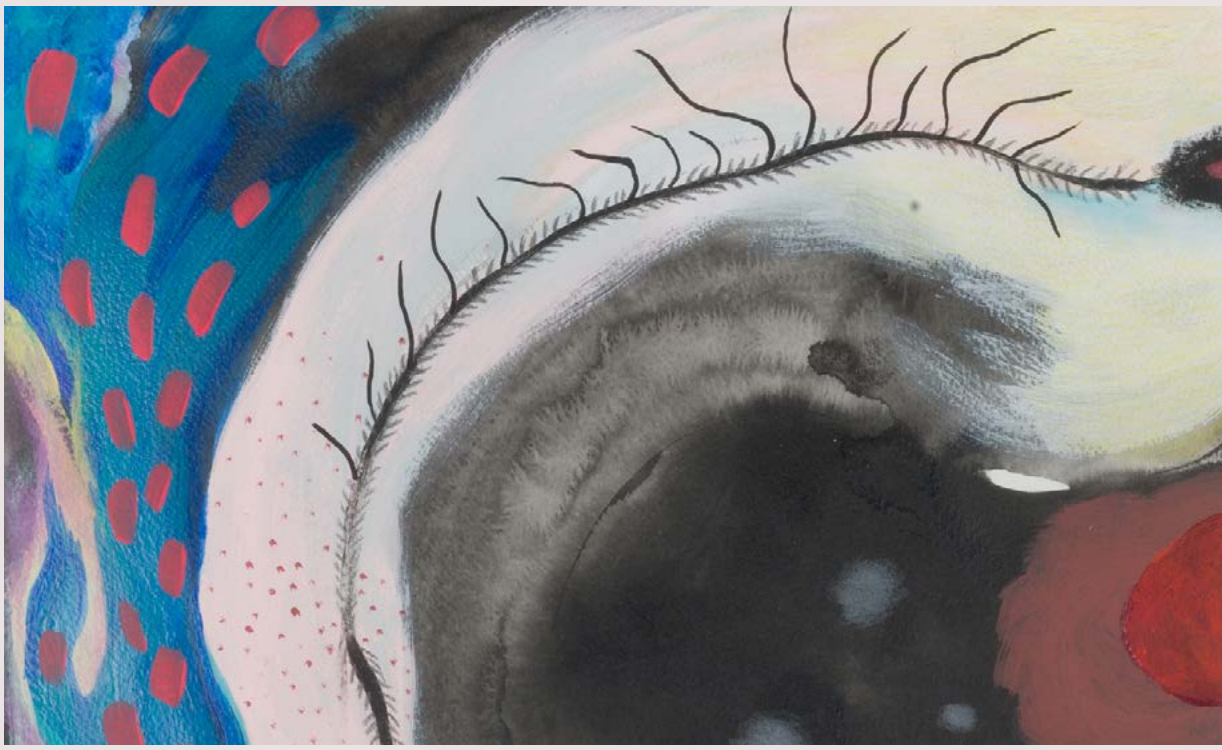
*O primeiro espaço II, 2026 (ROC 045)*



*Sem título [Untitled], 2021 (ROC 062)*



*Sem título [Untitled], 2021 (ROC 055)*



*Sem título [Untitled], 2021 (ROC 061)*